

# Ingenuidade, inocência e ignorância na palma da mão

**I**ngenuidade Inocência Ignorância – três conceitos que, graças a Raquel Lima, nos cabem na palma da mão. Trata-se do título do seu primeiro livro, em nome individual, que encerra um capítulo e dá início a uma nova fase, para a autora. “Significa uma abertura para uma nova escrita, novas possibilidades de me resignificar através da poesia. Mas, basicamente, é um fechar de um capítulo mais de poesia dita, um capítulo em que até me colocava mais contra o mercado editorial, contra a lógica das publicações, por achar que o mercado molda e transforma o cânone literário de forma, às vezes, muito conservadora”, esclarece a doutoranda do Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, cuja investigação se centra em oratura, género e movimentos afrodiáspóricos.

A par do trabalho académico e da realização de *workshops* de poesia, a autora há muito que participa e organiza eventos nacionais e internacionais dedicados à literatura, com especial ênfase na palavra dita, nomeadamente o Spoken Word, o Poetry Slam e a tradição oral, tendo conquistado o primeiro lugar da terceira edição do Poetry Slam Portugal, em 2011.

## Da palavra falada à palavra escrita

Com um percurso marcado pela poesia performativa, resistiu durante muito tempo ao mercado editorial também por não querer corromper o seu trabalho. Mas confessa ter abandonado essa postura, que agora apelida de “ingénua”, essencialmente por ter encontrado as pessoas com quem gostaria de trabalhar, ou seja, mulheres que trabalham de forma independente e com meios de produção que a representam. A poeta sentiu que podia finalmente publicar.

“A BOCA, para além de ser a única editora de audiolivros que conheço em Portugal, é gerida por Oriana Alves, alguém que por trabalhar de forma independente faz as coisas com muito amor e dedicação. Porque sabe que o retorno nem sempre é imediato são riscos que ela corre também, e tivémos um entendimento que é fundamental para o livro. E a

Com um percurso marcado pela poesia performativa, Raquel Lima lançou um conjunto de poemas escritos com o corpo e com a voz em mente. São 24 poemas no livro, 11 deles com performance áudio.

## Carla Fernandes



Animal Sentimental, que é a segunda editora, é da Nayara [Siler], que tem levado o meu trabalho para as Caldas da Rainha e que tem de especial conservar técnicas de impressão antigas como a serigrafia e a risografia. Então, este livro, enquanto objeto, também foi pensado com esse cuidado e com essa vontade de ser um objeto bonito e coerente”, revela. Um audiolivro em forma de quadrado vermelho, com letras pretas que nos elucidam acerca da autoria – raquellima

–, do período de escrita dos poemas que o integram – 2009 a 2019 – e das editoras que o materializaram – BOCA e Animal Sentimental.

Neste acto de publicar, Raquel Lima achou essencial espelhar as diferentes fases de escrita do período de 2009 a 2019. “Era importante que fossem poemas que atravessassem o período de dez anos. Tanto que foi também importante colocar poemas muito antigos com os quais não me identifico tanto, porque foram o início dessa

escrita e tipo de performance. Mas também ter em conta poemas mais politizados, mais sociais, em contraposição a poemas mais contemplativos, mais abstratos.”

O resultado são 34 poemas com manchas gráficas que denunciam a sua natureza performativa. “Ritmo, voz e silêncio, são coisas que achei importante não se perderem. Achei que era importante, em certos poemas, em que há uma hesitação, uma respiração ou momentos mais sus-

**Resistiu durante muito tempo ao mercado editorial também por não querer corromper o seu trabalho. Mas confessa ter abandonado essa postura, que agora apelida de “ingénua”**

pensos que isso não se perdesse na mancha.”

E desses 34 poemas, 11 foram gravados em áudio e podem ser ouvidos na voz da autora que se deixa acompanhar pelo músico Yaw Tembe. Ele traz sons como o do balafon, o do trompete ou distorções eletrónicas, criando ambientes musicais diversos para as palavras da poeta.

“Ele não é apenas músico. Transita entre desenho, escultura, dança performance, poesia, design. É um amigo, nasceu na Suazilândia, cresceu na margem Sul do Tejo, e é uma pessoa com a qual consigo estabelecer um diálogo muito honesto porque partilhamos uma série de referências”, diz a autora. Para aceder às faixas musicais, o livro dispõe de um [link](#) para descarregar os áudios.

### O poder do ressignificar

Nesta primeira publicação a título individual, optou por escrever o seu nome com letras minúsculas – raquellima –, apesar de em outros contextos manter a grafia corrente – Raquel Lima. É um tributo à intelectual, escritora e ativista negra norte-americana bell hooks, que sempre fez questão de assinar o nome dessa forma, com o objetivo de dirigir a atenção para as suas ideias e não para a sua identidade; para a substância dos livros e não para o que ela é.

Nascida em Portugal, filha de mãe angolana, pai santomense, mas ausente, avó senegalesa e trisavó brasileira indígena, Raquel Lima explica: “Achei esse exercício interessante e acrescentei a união do meu nome próprio ao apelido para contrariar essa hierarquia familiar que, no meu caso, apenas se coloca no âmbito formal e não afectivo. Foi uma tentativa simbólica de me tornar uma atribuindo significados diferentes ao meu nome de registo.”

A polissemia é estruturante nesta obra de raquellima. A própria escolha das três palavras que compõem o seu título – *Ingenuidade*, *Inocência* e *Ignorância* – é motivada pela ambiguidade, contradição e fluidez dos seus significados.

“Decidi-me por estas três palavras porque, por um lado, acho que elas denunciam essa ambiguidade da língua. Porque têm significados muito variados, até certo ponto, ambíguos, e mesmo contraditórios. Elas vão de

um leque de significados desde virgindade, pureza, honestidade, mas terminam em burrice, parvoíce, estupidez e inépcia. São palavras que falam do mais perverso que há na língua, que é uma certa autoridade, uma certa religiosidade também. E por outro lado todas juntas fazem da língua um espaço muito vulnerável e ambíguo.” E é neste espaço que vê o ser humano, num espaço de “ambiguidade, contradição, vulnerabilidade.” E é nesse lugar que coloca a poesia que escreveu durante dez anos e que agora nos surge em audiolivro.

É um conjunto de poemas escritos com o corpo e a voz em mente, porque o seu destino eram palcos de Spoken Word ou competições de Poetry Slam e, por isso, ao pensá-los em formato de livro, foi necessário ter esses aspectos em consideração. Clarifica que “essa dimensão da voz e do corpo são fundamentais da poesia dita, que é uma poesia que vem também do corpo, vem da performance, vem do gesto, do silêncio. E vai dar ao leitor a possibilidade de conhecer a voz de quem escreveu os poemas.” Mas enfatiza que os poemas são abertos a ser trabalhados de forma plástica com a música, com o vídeo, por exemplo. “Não quero que seja uma coisa da qual me aproprie e que não seja passível de ser recriada, transformada.”, continua.

Em alguns dos vários lançamentos feitos em países como Brasil, Itália, Espanha e, claro, Portugal, é muitas vezes acompanhada por Yaw Tembe. Esses lançamentos foram momentos muito distintos que revelaram outras leituras da obra.

“Por exemplo no Brasil há uma necessidade de politizarem muito o trabalho e perguntarem-me questões concretas enquanto mulher negra que escreve neste período. Foi interessante pensar nessas camadas que o livro também desperta. Em Milão, foi um retorno a práticas do Poetry Slam; e, em Barcelona, algo mais dentro de um contexto académico sobre o espaço Ibérico e a cultura Ibérica. Depois consegui ir a espaços muito diversificados, desde fundações, a uma igreja que está agora ocupada pelo Grémio Caldense, nas Caldas da Rainha, a uma bienal das artes, e a um espaço autogestionado, no Porto...”

O livro tem vindo a ganhar novas leituras desde a sua publicação ▶

A “dimensão da voz e do corpo são fundamentais na poesia dita, que é uma poesia que vem também do corpo, vem da performance, vem do gesto, do silêncio. E vai dar ao leitor a possibilidade de conhecer a voz de quem escreveu os poemas”

O Theatro Circo agradece o **apoio** de todas as Empresas Parceiras e Mecenas. O vosso **contributo** é muito importante para o cumprimento da nossa missão.

#### EMPRESAS PARCEIRAS

dstgroup  
building culture

Semuralwe

ILIDIO MOTA  
Petróleos e Derivados, Lda.

jmm\_sroc.

GRUPO ERRE

#### MECENAS

dstgroup  
building culture

navarra  
a marca do alumínio

Primavera

VELOSO & ASSOCIADOS



theatro circo

10

www.theatrocirco.com

theatrocirco

TheatroCirco

Theatro Circo

# Resgatar a inteireza dos corpos negros

Lidos, escutados, imaginados, os poemas impelem os ouvidos para uma voz pujante que ultrapassar a ingenuidade, a inocência e a ignorância. *Por Rosangela Sartechi*

► em Novembro de 2019, e subseqüentes lançamentos. É “interessante vê-lo ganhar esses significados”.

## Geopoética de raquelima

A escritora brasileira Cidinha da Silva, que prefaciou a obra, fala em “geopoética de raquellima”, referindo-se, entre outros aspectos, ao corpo da artista como embarcação que atravessa vários territórios físicos, imaginários e afectivos que seriam “Águas que nos permitem saber quem somos porque conhecemos de onde viemos: Angola, São Tomé, Senegal, Brasil, e todas as Áfricas.”

Para raquellima, é determinante a questão do movimento. “Nós, que estamos na diáspora africana, acabamos por transportar as nossas experiências, as nossas vivências para os lugares para onde vamos. Acho que é importante pensar nesses movimentos, não só os movimentos que aconteceram antes de mim, mas nos movimentos que faço e nos movimentos por vir, nessa perspectiva mais global e comunitária. Acho que é importante fixar no corpo, mas sem esquecer que é um trabalho colectivo, que é inspirado e referenciado mais atrás.”

Com o audiolivro *Ingenuidade Inocência Ignorância* na palma da mão, raquellima fecha um capítulo e inicia uma nova fase, que a leva a fazer questionamentos sobre o finito e o infinito.

“O facto de ser um objecto que persiste, faz-me pensar muito no encerramento e, até certo ponto, na morte. Faz-me pensar na possibilidade de o livro ter uma continuidade para além de mim própria. E isso leva-me a pensar em toda a poesia que ainda tenho de fazer, que está para além do livro”, conclui.



**Ingenuidade Inocência Ignorância**  
Raquel Lima  
Editoras Boca e Animal Sentimental



A presença negra em Portugal tem sido historicamente subestimada, ainda que remonte ao século XV em decorrência do sistema colonial eclavagista e, já no século XX, como resultado dos movimentos migratórios das antigas colónias africanas. Como desdobramento desse apagamento histórico, contemporaneamente, os sujeitos negros nascidos em território português ou que se deslocaram para o país há mais de 40 anos encontram ainda inúmeros impedimentos para serem reconhecidos como cidadãos portugueses. Entre outros aspectos que contribuem para a manutenção de quadro de exclusões e silenciamentos, é preciso mencionar a lei da nacionalidade em vigor. Além dela, cabe sublinhar a persistente recusa do poder público em aferir a dimensão da população negra em Portugal. O mais recente movimento nesse sentido foi a decisão do Instituto Nacional de Estatística em não incluir no Censos de 2021 questões sobre pertença étnico-racial da população, perpetuando-se as conhecidas limitações dos dados oficiais.

As lógicas discriminatórias foram institucionalizadas e incorporadas às relações sociais e raciais no âmbito da sociedade portuguesa com reverberações que ainda perduram no século XXI: nos discursos e nos silenciamentos, nos actos e nas omissões, tudo contribui para que os negros portugueses sejam invisibilizados, expondo mazelas sociais como o racismo estrutural e as tensas relações raciais do país.

Diante desse panorama, a cultura e, em especial, a literatura colocam-se como espaço

privilegiado de resistência. Surgem escritoras e escritores que assumem a sua pertença racial e cuja produção encena formas de luta e de recusa a silenciarem-se diante de uma sociedade que apresenta marcas inequívocas do seu passado colonial ainda não superado: são escritas empenhadas em recontar histórias, assumindo o lugar de fala/escrita e constituindo-se em perspectivas negras de ver e estar no mundo.

É nesse contexto que é preciso saudar *Ingenuidade Inocência Ignorância*, de Raquel Lima, o seu primeiro audiolivro lançado no Brasil e em Portugal, que reúne a produção poética da autora do período de 2009 a 2019. São 24 poemas no livro e 11 deles performados em áudio. Publicado pelas editoras independentes BOCA e Animal Sentimental, é o primeiro volume do colecção Boca de Incêndio, série dedicada à poesia falada.

A poeta, arte-educadora, investigadora, produtora cultural e activista da *spoken word* organiza a sua trajetória poética pela escrita e pela oratura, resgatando práticas, além de vivificar saberes e formas de existência. Projecta, assim, no plano do imaginário o combate ferrenho a todo o processo de preconceitos e hierarquizações e uma saída possível face à alienação. Não é por acaso que o poema *Insipiente / incipiente*, que abre o livro, anuncia a sua tópica literária de resistência e confrontos e cujos versos finais evidenciam uma voz lírica como enunciadora do que está por vir:

“a minha insegurança  
está entre sentir-me insipiente  
e sentir-me incipiente  
reside nesse intervalo  
inaudível entre duas letras  
e vive desse silêncio que grita  
sobre a minha ingenuidade  
a minha inocência  
e a minha ignorância “

Raquel Lima idealizou o Poetry Slam Sul e o 1º Poetry Slam Lusófono no âmbito da 4ª Bienal das Culturas Lusófonas. Foi coordenadora e directora artística do Portugal Slam de 2012 a 2017. Venceu o 3º Poetry Slam Portugal. No Brasil, participou na Flup – Festa Literária das Periferias e na Flip – Festa Literária Internacional de Paraty. O seu audiolivro retoma, modernamente, a noção do compartilhamento da poesia de modo a garantir o direito de voz a todas e todos. As questões da oralidade como traço fundacional

da cultura afro-diaspórica são seminais na sua trajetória e estão presentes nos poemas incluídos no livro que, organizado em três partes (com oito poemas cada) a partir dos três termos que nomeiam a obra, conjuga-se pelas intermitências do silêncio e do som, produzindo uma musicalidade e andamento rítmico e melódico que são centrais para a construção dos sentidos. O poema *Sucubu*, que também integra o áudio, é sua expressão exemplar.

A voz amplifica, assim, a poesia escrita, porque, sendo dimensão do próprio corpo, traz consigo uma memória existencial, marcas de sua genealogia pessoal em que, no entanto, ressoa uma experiência colectiva. Nesse sentido guarda uma dimensão política de intervenção, porque quando diz, afirma-se.

A autora mostra-se observadora atenta ao que acontece ao redor, à vida e aos sujeitos que transitam pelos centros urbanos, sobretudo Lisboa, espaço que surge em diálogo com uma voz lírica cuja origem africana e negra confronta os discursos hegemónicos, instigando o leitor a reflectir sobre as histórias que líricamente desfilam nos seus poemas:

“a criança entra às oito da manhã  
no barco para pedir esmola  
estômago vazio, equilíbrio por um fio,  
sapato sem sola  
nos olhares há um misto de ternura e censura  
quem é que, em pleno juízo,  
permite tamanha loucura?”

Em resumo, o trabalho dessa poeta engajada assume o papel histórico da resistência política, fortalecendo um olhar cada vez mais directo e objectivo por meio de dezenas de vozes que emergem dos seus textos, evocando narrativas e distanciando-se de uma projecção ideológica e oficial de um Estado dominante que as restringem à subserviência social. São vozes que rompem com o jogo de opressões dentro do qual foram compulsoriamente inseridas

O livro é para ler e para ouvir, pois os poemas transbordam os limites da escrita:

“então abro mais uma gaveta  
à procura de um sentido  
no formato circular da oratura  
porque a tradição não é feita só de livros  
fotos e palavras por traduzir”

Abriu a gaveta destituiu a escrita como única forma de ler o mundo ao mesmo tempo que liberta a voz do cenário da opressão colonial, alçando-a para o epicentro poético em que novas perspectivas podem ser desenhadas. Agora lidos, escutados, imaginados, os poemas de Raquel Lima resgatam a inteireza dos corpos negros e impelem os ouvidos a escutar uma voz pujante capaz de ultrapassar a ingenuidade, a inocência e a ignorância.

**A voz amplifica a poesia escrita, porque, sendo uma dimensão do corpo, traz consigo uma memória existencial, marcas de sua genealogia pessoal em que, no entanto, ressoa uma experiência colectiva**

